

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Maio/2008 – Vol. III

MÚSICAS OLÍMPICAS DA DÉCADA DE 80: ESTABILIZANDO IDEOLOGIAS.

Larissa Zink BOLONHINI
(Orientadora): Profa Dra.: Suzy Lagazzi

RESUMO: O esporte é um representante importante de interesses sociais, políticos e econômicos; esses interesses podem se materializar na forma de discursos produzidos nas Olimpíadas e em torno delas, principal evento esportivo do mundo. Com a intenção de verificar quais os valores e as ideologias transmitidas pelo esporte durante um período crítico mundial – a Guerra Fria -, as músicas temas cantadas nas cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980), Los Angeles (1984) e Seoul (1988) foram analisadas através da proposta teórica da Análise de Discurso (AD) materialista. Observamos que as mensagens transmitidas através das músicas, de fato, representavam os interesses sociais, políticos e econômicos da autoria, isto é, do país sede das Olimpíadas.

Palavras-chaves: Análise de discurso; Educação Física; Olimpíadas; Músicas; Guerra-fria.

Introdução e Justificativa:

O esporte, para Bracht (1995), autor consagrado da Educação Física, pode representar poderosos interesses sociais, políticos e econômicos. Há certos momentos em que esses interesses, em forma de discursos, circulam com maior intensidade, como, por exemplo, nas Olimpíadas, o maior evento do esporte do planeta.

Através dos discursos produzidos nesse evento, podemos compreender como certos valores circulam na sociedade em que vivemos. Uma maneira viável de estudar esses valores é através da análise das músicas temas cantadas na cerimônia de abertura de cada Olimpíada.

O papel da música nos Jogos Olímpicos da era antiga

Schurmann (1989) acredita que as músicas são uma forma de linguagem sonora, e que, portanto, são indispensáveis na comunicação social. A música surgiu na era antecedente ao período Paleolítico.

Mais tardiamente, na revolução neolítica (quando se iniciou a caça, a pesca, a coleta), as músicas eram essenciais nos rituais; os povos do Egito e da China acreditavam que as práticas musicais tinham poderes de convocar os espíritos, de se comunicar com seres sobrenaturais conjurando-os a atuarem de forma favorável à sociedade humana.

No início da civilização, junto à invenção do arado, do uso de metais e do aperfeiçoamento do calendário solar, a música passou a ter a função de entretenimento de uma classe favorecida, uma vez que os músicos profissionais eram pagos para tocarem aos reis (Engels p.133 apud Schurmann, 1989 p. 32).

No entanto, nessa mesma época, a música também passou a ser usada na Grécia como forma de manutenção do Estado, com função específica de formação e consolidação da estrutura de classes. Assim, na Antiguidade Grega, a cultura oficial do Estado era “rigidamente regulamentada e imposta a todos os cidadãos” (Schurmann, 1989 p. 35), não havendo liberdade de expressão ou de criação. O filósofo Platão propõe que o Estado reprima tendências inovadoras no âmbito cultural, dizendo que

é preciso que os Conselheiros de Estado cuidem para que este não se deteriore, para que não se introduzam inovações contrárias à ordem nem na ginástica nem na música. Deve-se evitar o surgimento de uma nova espécie de música, porque esta colocaria em perigo o todo. Nunca se pode alterar a essência da música sem que daí resultem abaladas as leis fundamentais do Estado (apud Shurmann, 1989, p. 35).

O mesmo autor ainda conta que a música para os gregos não era reservada a uma classe favorecida, mas a toda a população. Os Jogos Olímpicos da antiguidade aconteciam em Olímpia, que era o principal lugar de propaganda da Grécia, onde se formava a opinião pública dos cidadãos gregos e a consciência da unidade nacional. Nesse evento, a música era o lugar de materialização, portanto, da ideologia da classe dominante.

De acordo com as considerações feitas acima, as análises das músicas temas dos Jogos Olímpicos atuais poderá apresentar relações ideológicas e sociais, relações de poder estabelecidas em um determinado momento histórico, como ocorria antigamente. A diferença relevante entre a Grécia Antiga e a atualidade está na presença da mídia, o que

permite que o evento seja um fenômeno mundial e que o discurso, portanto, seja reproduzido internacionalmente.

A Guerra Fria e os Jogos Olímpicos

Um fato importante que ocorreu na história foi a Guerra Fria, conflito político-ideológico travado entre dois grandes pólos mundiais: os Estados Unidos da América (EUA), representantes do capitalismo e a União Soviética (URSS), defensora do socialismo. O objetivo de cada pólo era o de difundir seus sistemas políticos e culturais para o resto do mundo. Os Estados unidos usavam o capitalismo como símbolo de democracia e liberdade. Já os socialistas diziam que seu sistema político-econômico-cultural era uma resposta ao domínio dos burgueses e a solução dos problemas sociais (WIKIPÉDIA).

A Guerra Fria aconteceu em diversos contextos: na corrida espacial, nos armamentos nucleares, na imprensa, e nos Jogos Olímpicos. Cada medalha era festejada como uma vitória de um regime sobre o outro.

Objetivo

O objetivo principal da pesquisa é o de analisar o discurso dos refrões das músicas temas das aberturas das Olimpíadas de 1980, em Moscou, de 1984, em Los Angeles e de 1988, em Seoul a partir dos dispositivos teórico-analíticos da Análise de Discurso.

Material e Método

A escolha das músicas temas das aberturas dos Jogos Olímpicos como material de análise se deu devido, principalmente, à grandiosidade do evento, ou seja, devido ao prestígio mundial das Olimpíadas.

Foram escolhidas em especial as músicas da cerimônia de abertura por que ela desperta mais interesse do que a cerimônia de encerramento, na qual um número muito reduzido de atletas tomam parte; e também por acreditar-se que a mensagem transmitida antes do início da competição difere da transmitida depois.

Vemos também a importância da cerimônia de abertura com os acontecimentos recentes, referentes à Olimpíada que será realizada nesse ano (2008) em Pequim: alguns países estão cogitando o boicote à cerimônia de abertura como forma de protesto contra a ocupação do Tibete. Com isso, os países demonstram o seu posicionamento político, e disputam a competição.

Optou-se por analisar as músicas temas das Olimpíadas da década de 80 porque elas se situam em um momento histórico delicado, a Guerra Fria, e os países sedes representam o bloco socialista (Moscou, URSS), o bloco capitalista (Los Angeles, EUA) e um país dividido por esses dois blocos (Coreia do Norte socialista, e a Coreia do Sul capitalista). A condição de produção do discurso, portanto, poderia justificar os efeitos de sentido e as ideologias presentes na letra da música.

Escolhemos analisar o refrão devido à sua importância, pois, como ele se repete no decorrer da música, com certeza traz as idéias centrais da mensagem que se pretende transmitir.

Para analisarmos o refrão, nos pautaremos no mecanismo da Análise do Discurso (AD) materialista, tópico que será discutido no item seguinte do projeto.

Cabe ressaltar ainda que as letras das músicas estão em inglês por dois motivos: o primeiro, porque durante a pesquisa das mesmas, encontrou-se as letras escritas apenas em inglês; e segundo porque, percebe-se que através de vídeos da cerimônia de abertura, as músicas são originalmente, cantadas na língua inglesa e na língua do país sede.

Fundamentos Teóricos

Para Orlandi (2003), o objetivo da AD, é o de compreender de que maneira os objetos simbólicos produzem efeitos de sentido. Essa perspectiva de trabalho da AD pressupõe que os objetos simbólicos não têm um sentido literal.

Como estamos tratando da AD, faz-se necessária, também, a definição de discurso. O discurso é definido por Orlandi (2003, p. 21) como o “efeito de sentido entre locutores”, e dessa forma se diferencia de acordo com o contexto, com o tempo, com as práticas sociais e com a ideologia.

A condição de produção é de muita importância. Como condições de produção de um discurso, incluem-se as circunstâncias da enunciação: (1) o contexto imediato, caracterizado pela estrutura e os acontecimentos no local em que o discurso foi produzido, como, por exemplo, o país sede dos Jogos Olímpicos; e (2) o contexto sócio-histórico-ideológico, que é considerado o contexto amplo, referindo-se ao arranjo social, à história, no nosso caso, a Guerra Fria.

Um outro elemento diferenciador de sentido é a ideologia. De acordo com Orlandi (2003, p.45) a AD busca “re-significar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem”, trazendo a definição discursiva de ideologia. A presença da ideologia no discurso é visível quando se percebe que o sentido se dá através de uma interpretação; e é essa interpretação que demonstra a presença da ideologia. Para a mesma autora, o trabalho da ideologia é produzir evidências e ainda é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos.

Análise

I. Moscou, 1980: submissão ou estratégia política?

*“All countries
It is ours
Stadium!”*

A Olimpíada de 1980 foi um exemplo de como o esporte é um dos possíveis lugares de confronto de diversas formações discursivas, diversas ideologias. Compreende-se, por formações discursivas, “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi, 2003 p. 43).

As condições de produção são essenciais para compreendermos os efeitos de sentido que o refrão produz. Sabe-se que os Jogos Olímpicos dos anos 80 tiveram um importante evento: o anúncio de boicote vindo do presidente norte-americano Jimmy Carter, em resposta à invasão soviética no Afeganistão.

Dentro das condições de produção do discurso, EUA e URSS travavam a Guerra Fria. Sendo assim, uma vitória nas Olimpíadas seria passível de significar a superioridade do capitalismo sobre o socialismo

ou vice e versa. Nessa disputa entre os pólos, a União Soviética já havia ganhado no requisito “sede dos Jogos Olímpicos”.

No discurso de boicote do presidente Carter, um caráter político está evidente, através do posicionamento contra a invasão do Afeganistão. Contudo, segundo Orlandi (2003, p. 82) “há sempre no dizer um não dizer necessário”, e acredita-se que o “não dizer” da formação discursiva do presidente era o temor do confronto direto entre a União Soviética e os Estados Unidos da América, na casa do inimigo e em um evento de caráter e dinâmica mundial. Portanto, o boicote do presidente dos EUA também significa a escolha pelo não enfrentamento do inimigo.

Iniciaremos a análise do refrão da música de Moscou com um caminho já trilhado por Pêcheux (1988¹), quando este analisa a palavra “ganhamos”. Em Francês, ela é formada pelo pronome *On* que equivale ao “*ours*” (nosso) da música, porque ambos são pronomes de primeira pessoa do plural. Quem são ou o que é representado pelo “nosso” é a pergunta que Pêcheux se coloca ao analisar o discurso de Mitterrand. Nossa intenção é investigar a resposta a essa pergunta tomando como elemento de análise o refrão da música tema das Olimpíadas de Moscou: quem é o *ours* no refrão?

Há duas possibilidades do uso do pronome “*ours*” nesse contexto. A primeira se dá quando o interlocutor está incluído; e a segunda possibilidade do uso do pronome se dá na exclusão do interlocutor (Pinheiro, s/a).

Analisaremos, inicialmente, a primeira possibilidade do uso do pronome. Se o “*ours*” possui um sentido inclusivo, podemos pensar que ele refere-se à União Soviética, responsável pelos Jogos Olímpicos do ano e a todos os interlocutores possíveis. Sabendo-se que a música foi cantada na cerimônia de abertura das Olimpíadas, os interlocutores são todos os países que ali se faziam presente. Dessa forma, devido ao boicote, os EUA não fazem parte do “*ours*”. O Estádio (*Stadium* do refrão), portanto, é de todos: da União Soviética e de todos os países presentes nos Jogos, exceto, dos EUA.

Ao verificarmos o segundo uso possível do pronome, se pensarmos nos ideais das primeiras Olimpíadas, ele se referiria a todas as nações, uma vez que, naquela época, até as guerras cessavam para que os Jogos ocorressem. No entanto, não houve cessão de guerra, ao contrário, ela

¹ A citação refere-se à 2ª Edição em língua portuguesa de 1997.

estava explícita e declarada com o boicote dos EUA. O “*ours*” da música não significa, nem poderia significar, a universalidade, o pertencimento a todas as nações, uma vez que o mundo estava dividido entre os dois pólos. O “*ours*” é então, um termo exclusivo, que significa apenas “da União Soviética” e “do socialismo”.

Sendo assim, mesmo o pronome tendo dois possíveis efeitos de sentido, um inclusivo e um exclusivo, em qualquer um dos dois os EUA não participam.

Contudo, ao efetuar a leitura do refrão, deparamos com algo inusitado: a música é cantada em russo e em inglês: a língua dos inimigos! Podemos pensar que esse fato é um sinal de submissão do socialismo perante os Estados Unidos da América, o capitalismo.

No entanto, sabendo que o “*ours*” do refrão significa “da URSS, do socialismo”, devemos pensar que, a União Soviética, ao cantar sua música em inglês apresenta uma estratégia política: é uma forma de demonstrar ao mundo que conhece seu principal inimigo, que domina a sua língua materna e que, apesar do boicote, o socialismo não teme falar a língua do capitalismo. Ainda transmite aos EUA uma mensagem direta e de forma que entendam claramente que é da URSS o Estádio das Olimpíadas. Boicotem ou não, estadunidenses, a vitória em 1980 é do socialismo!

II. Los Angeles, 1984: o silêncio, a identidade.

Em 1984 era o ano dos Estados Unidos se imporem e responderem à URSS através do direito de sediar os Jogos Olímpicos. Contudo, para quem esperava uma música tema que correspondesse à altura da música tema de Moscou, surpreendeu-se com o *silêncio*: a música tema de Los Angeles, denominada “Olympic Fanfare and Theme” não possuía letra, era composta, apenas, da parte instrumental.

Orlandi(1993) ressalta que o homem, com ou sem palavras, está fadado a significar. Então cabe questionar: o que significa a ausência de letra (o silêncio) dos Estados Unidos?

Se os EUA silenciam a língua na música é porque escolheram não dizer algo. O idioma de uma nação é a sua identidade. Contudo, a cerimônia de abertura não foi inteiramente silenciosa: ela foi discursada em inglês; *apenas* inglês. Isso quer dizer que os Estados Unidos não

reconheciam a identidade (através do uso de outros idiomas, até mesmo na música tema) de outros países, apenas a dele, através do uso exclusivo do inglês.

Foi uma estratégia, portanto, não letrar a música, para não usar outro idioma. Uma estratégia para que os EUA demonstrassem que, na sua política, a única identidade presente era a deles (e, talvez, de seus aliados). Não importava, portanto, se Moscou em 1980 produziu uma mensagem clara e direta no idioma dos EUA. O que importava era que o capitalismo não reconhecia a existência de uma outra identidade que não fosse a dele.

III Seoul, 1988: de melodia harmoniosa a grito de guerra.

*“Hand in hand we stand all across the land
We can make this world a better place in which to live
Hand in hand we can start to understand
Breaking down the walls that come between us
For all time – “arirang”*

Nas Olimpíadas de Seoul temos uma condição de produção discursiva um tanto quanto diferente daquelas de 1980 e 1984. Em 1988, o mundo passava pelo fim da Guerra Fria.

O Muro de Berlim, artefato da história da Guerra Fria, além de dividir a cidade de Berlim em duas partes, simbolizava também a divisão bipolar mundial. Sua queda ocorreu no final do ano de 1989, simbolizando o fim da divisão do mundo entre os dois blocos, e, portanto, o fim da Guerra Fria (WIKIPÉDIA).

Nas Olimpíadas de 1988, teve-se o maior número de países participantes da história das Olimpíadas: apenas a Coreia do Norte e Cuba (países socialistas) boicotaram os Jogos por razões políticas.

Para iniciarmos a análise do refrão de Seoul, enfocaremos primeiramente o uso do pronome de primeira pessoa no plural que aparece no refrão: o pronome “*we*” (nós) e o pronome “*us*” (nós). Seguiremos o mesmo raciocínio para a análise efetuado por Pêcheux (1988) e Pinheiro (s/a), utilizado anteriormente para desenvolvermos a análise do “*ours*”, pronome também presente na música de Moscou.

Ao pensarmos no uso do pronome com um efeito de sentido inclusivo, tanto os países presentes nas Olimpíadas, como os que não

estavam presentes (Coreia do Norte e Cuba) eram passíveis de serem os interlocutores.

É importante lembrar que a Coreia do Sul convidou a Coreia do Norte para co-participar da sede dos Jogos Olímpicos, mas seu convite foi recusado pela parte comunista (WIKIPÉDIA).

Esse convite merece reflexão, uma vez que o critério de seleção para sediar os Jogos Olímpicos é rigoroso e quem efetua essa escolha são comissões do COI. O ato da Coreia do Sul ter convidado a Coreia do Norte a co-sediar os Jogos Olímpicos é transgressor por dois motivos: o primeiro é que a cidade é que é vitoriosa quanto à sede. Se houvesse um convite, deveria partir de cidade para cidade e não a nível nacional. Além disso, não cabe a uma cidade convidar outra, pois a transferência de locais tiraria o mérito do critério rígido de seleção e tiraria a autonomia do COI.

Remetendo esse fato ao uso dos pronomes “*we*” e “*us*”, não é possível aceitar que possa ser um termo inclusivo. A Coreia do Sul tomou uma posição que pode ser considerada politicamente correta ao convidar sua vizinha socialista a participar junto como sede. Essa posição causou embaraço à Coreia do Norte, que recusou o convite (inaceitável pelos parâmetros do COI) e boicotou os Jogos. A repercussão na mídia mundial foi de elogio à Coreia do Sul, e de desagravo à Coreia do Norte. Com esse convite, portanto, a Coreia do Sul obteve o efeito de excluir a Coreia do Norte dos jogos. Os pronomes, portanto, são estrategicamente excludentes, não abrangendo aqueles que não estavam lá, principalmente Coreia do Norte e Cuba.

Devemos pensar se as mensagens no refrão de fato remetem à paz, pois após essa análise, parece que as Coreias ainda estavam em guerra. Passaremos, nesse momento, a analisar a frase “*hand in hand*”. Esse gesto, no cotidiano universal, pode ter dois efeitos de sentido: se dão as mãos aqueles que possuem alguma relação afetiva, representando amor; ou então, em gestos de respeito, demonstrando diplomacia (como, por exemplo, o cumprimento entre presidentes que acabaram de selar um acordo). De uma forma ou de outra, as mãos dadas significam união. É importante sabermos que inimigos não se dão as mãos.

O ato de dar as mãos não pode se referir a todos os países do mundo, uma vez que o ciclo de amizade de Seoul era definido. Com o sentido de exclusão dos pronomes no refrão, sabemos que o país sede tinha seus

inimigos: a Coreia do Norte, Cuba e URSS, devido ao apoio que deu à Coreia do Norte na Guerra da Coreia.

Quem deveria, então, dar as mãos? A Coreia do Sul não estava em clima de reconciliação com seus inimigos, ao contrário, estava em tempos de guerra e em uma guerra precisa-se de aliados políticos. Com o *“hand in hand”*, portanto, Seoul convoca a união de seus aliados capitalistas através de um ato diplomático de dar as mãos.

Cabe ainda questionar: qual é o motivo desse ato diplomático? Para responder a essa pergunta, analisaremos mais duas frases presentes no refrão: (1) *“We can make this world a better place in which to live”* e (2) *“Breaking down the walls that come between us”*

Enfocando, primeiramente, a frase (1), sabemos que o pronome *“we”* remete-se aos capitalistas. Portanto, são os capitalistas que são capazes de melhorar o mundo. A Coreia do Sul, portanto, convoca seus aliados para se unirem de forma a melhorar o mundo.

Já na frase (2), o efeito de sentido imediato causado pelo termo *“walls”* é dele se remeter ao Muro de Berlim, o principal muro da década. A princípio, portanto, parece-nos que a Coreia do Sul é a favor da queda do muro de Berlim, e, portanto, do fim da Guerra Fria. Essa vertente contradiz todo o raciocínio elaborado até então.

No entanto, o efeito de sentido do plural de *“the walls/ os muros”* não nos permite afirmar que a referência é *O Muro* de Berlim. Ao pensarmos na função de um muro em qualquer situação, poderíamos dizer que ele tem um caráter de delimitar fronteiras, fornecer segurança, ser uma barreira. Seguindo esse raciocínio, compreendemos que o próprio socialismo era considerado um tipo de barreira para o alastramento do capitalismo e, que, portanto, deveria ser combatido.

Unindo todas as frases analisadas temos que Seoul/Coreia do Sul (autoria) é líder de uma união (*hand in hand*) capitalista (*“we/us”*) com o objetivo de espalhar o capitalismo, combatendo o socialismo (*“Breaking down the walls that come between us”*) de forma que o mundo se torne melhor (*“make this world a better place in which to live”*).

Portanto, uma música que parecia ser uma mensagem de paz e prosperidade para o todo o mundo, tornou-se, através da análise de um pronome pessoal de primeira pessoa no plural, em um hino de recrutamento e guerra dos capitalistas.

Conclusão

Em Moscou temos a vitória do socialismo sobre o capitalismo, representada pelo direito de ser sede, pela exclusão dos EUA no refrão através do emprego do pronome pessoal primeira pessoa e na produção de um discurso claro e direto na língua norte-americana para os EUA que esclarece que em 1980, apesar de seu boicote, a vitória foi do socialismo.

Em Los Angeles temos o emprego do silêncio como forma do capitalismo responder ao socialismo que não reconhecem nenhuma outra identidade que não a deles.

Já em Seoul temos uma tentativa de se convocar os capitalistas para uma união cujo objetivo é combater as barreiras do capitalismo (ou seja, o socialismo, em especial) para tornar o mundo um lugar melhor.

É importante salientar que a análise dos pronomes pessoais de primeira pessoa presentes nas músicas temas de 1980 e 1988 como sendo termos inclusivos ou exclusivos nortearam as discussões. Reconhece-se, então, a importância desses pronomes na significação de um discurso.

Conclui-se, com as análises, que os discursos que circulam o esporte de fato representam poderosos interesses sociais, políticos e econômicos e que com essa pesquisa, devemos nos atentar a que tipo de valores são transmitidos através do esporte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRACHT, V. (1995) *O esporte como conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física e nas escolas de segundo grau*. Texto publicado no I Encontro de Professores de Educação Física nas Escolas Técnicas Federais. Ouro Preto/MG, nov. de 1995. (Mimeogr.)
- COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. *Choice of the host city*. Disponível em <http://www.olympic.org/uk/organisation/missions/cities_uk.asp>. Acesso em 19 de Março de 2008 às 14h30min.
- ORLANDI, E. P. (2003). *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*. Ed. Pontes, SP.
- ORLANDI, E. P. (1993). *As formas do silêncio: no Movimento dos Sentidos*. Ed. Unicamp, SP.
- PECHÊUX, M. (1988). *Estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2ª Edição, 1997.
- PINHEIRO, Najara Ferrari. *Nós e você: análise das relações entre atores sociais (apresentadora e telespectadora) no programa mais você*. Disponível em <<http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/252-of5a-st1.pdf>> . Acesso em 20 de Março de 2008 às 10h17min.
- SCHURMANN, E F (1989). *A música como linguagem: uma abordagem histórica*. Ed. Brasiliense, SP.
- WIKIPÉDIA. *1984 Summer Olympics*. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em:

<http://en.wikipedia.org/wiki/1984_Summer_Olympics> . Acesso em: 2 de Abril de 2008 às 15h45min.

WIKIPÉDIA. *Guerra Fria*. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Fria> . Acesso em 2 de Abril de 2008 às 15h37min.

WIKIPÉDIA. *Muro de Berlim*. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Muro_de_Berlim> . Acesso em 2 de Abril de 2008 às 15h23min.